

1

Introdução

“Todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social” (Moita Lopes, 2006:104).

“Reflection involves intuition, emotion, and passion and it is not something that can be neatly packaged as a set of techniques for teachers to use” (Zeichner e Liston, 1996).

1.1.

A formação continuada de professores

A formação continuada de professores é paradoxal. Embora a perspectiva de continuidade exista no nome, ela é por natureza segmentada, dividida, sempre incompleta. Em geral, não há nenhum incentivo real por parte das instituições para que este processo ocorra. Caso o professor não se engaje em cursos por iniciativa própria ou ainda em projetos com data definida para culminância, é difícil imaginar o processo contínuo de formação.

Sempre me interessei em participar de oficinas, cursos e quaisquer atividades que se centrassem em promover minha formação continuada como professora. Em uma das escolas que leciono, uma de minhas colegas disse, uma

vez, que estou em todo lugar em que acho válido para me atualizar profissionalmente.

Acredito que esta é uma grande motivação não só para pertencer ao grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro, mas também para justificar meu desejo de conhecer melhor quem são estas pessoas que, assim como eu, buscam formação continuada. O grupo representa algo muito rico na minha vida e sempre fui tão bem acolhida que me interessei em conhecer mais profundamente as colegas com quem divido tantos momentos agradáveis.

Em geral, os profissionais não têm a oportunidade de pensar a respeito de suas práticas e o professor está incluído neste grupo. Há, porém, um agravante em nossa profissão: trabalhamos, muitas vezes, sozinhos, isolados em nossas salas de aulas. Desejo que meu trabalho, de alguma forma, possa ser encarado como uma pequena iniciativa que possa contribuir para a formação continuada de professores que, assim como os envolvidos nesta pesquisa, estejam dispostos a revisitar a própria prática. Narro, a seguir, meus primeiros passos em direção à dissertação que ora apresento.

1.2.

Definindo meu interesse de pesquisa

Desde minha tentativa a uma vaga de Mestrado, já tinha interesse em trabalhar com Prática Exploratória (doravante PE), porque acredito que esta é uma maneira possível de ‘estar’ em sala de aula envolvendo meus alunos na difícil tarefa de pesquisar e construir entendimentos enquanto as aulas ocorrem normalmente (Santiago, 2006). Minha primeira intenção de pesquisa era investigar a vida na sala de aula e refletir como estava a qualidade de vida para mim e meus alunos. Através de Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE - Azevedo 2005:50), pretendia tornar as minhas aulas mais reflexivas e investigativas com a participação ativa dos meus alunos.

Logo no primeiro semestre do curso de Mestrado, cursei a disciplina ‘Narrativa Conversacional’ e me encantei pela possibilidade de pesquisar usando narrativas como rico material discursivo. Fiquei ainda bastante interessada pelas identidades, que são projetadas nas narrativas e comecei a mudar minha primeira

intenção de pesquisa. Neste momento, eu já não tinha mais certeza de que gostaria de pesquisar o contexto de sala de aula, através de APPE. Passei a me interessar por identidades projetadas em narrativas de experiências com a PE que, como membro do grupo, encaro como filosofia de vida.

Resolvi, então, amadurecer a idéia de integrar PE, narrativa e identidades para desenvolver minha pesquisa acadêmica. Durante este período de definição do meu objeto de pesquisa, assisti à defesa da tese de Doutorado de uma integrante da nossa comunidade de prática e participante ativa do Grupo da Prática Exploratória. Uma das professoras participantes da banca fez um comentário sobre a formação da identidade acadêmica da PE.

Naquele momento, ocorreu-me a idéia de pesquisar a identidade de alguns membros do grupo da PE usando narrativas. O comentário da professora foi um ‘gancho’ a me despertar para a idéia de pesquisar quem são essas pessoas que integram este grupo. Acredito que fiz esta conexão por ser fascinada pela diversidade do grupo que é composto por profissionais de diversos segmentos (professores de escola particular, pública, universitários, de cursos livres, professores de ONG, que dão aulas particulares, professores aposentados).

O interesse pelo grupo surgiu das minhas constantes participações em reuniões e em projetos. Alimentou-se da possibilidade de eu poder estar em contato com os membros do grupo via correio eletrônico. Enfim, era um pouco do sentimento de não estar sozinha na difícil tarefa de ser profissional da educação nos dias de hoje. O grupo é uma comunidade que, para mim, significa um pouco do que é expresso por Bauman, no início de sua obra, (2001:07) quando diz: “Para começar, a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante”.

Meses depois da defesa de nossa parceira da PE e do despertar do interesse em pesquisar as múltiplas identidades dos membros deste grupo tão presente na minha vida, tive a oportunidade de viajar para o ‘7th Southern TESOL Convention’, em Buenos Aires, com alguns membros do grupo. Durante esta aproximação, a intenção de entender mais sobre as identidades projetadas pelos membros do grupo ficou mais clara: eu desejava entender quem são essas pessoas que fazem com que o grupo seja tão especial. Sabendo que somos diferentes, que temos experiências diferentes, de que forma essas diferenças são valiosas contribuições para a vida do/ no grupo?

1.3.

Primeiros trabalhos em busca de entendimentos

Ao longo da viagem para Buenos Aires, Isabel Cristina¹ sugeriu a possibilidade de usar, como fonte de dados para a pesquisa, um vídeo de apresentação que tínhamos gravado em fevereiro de 2007.

Ao transcrever trechos do vídeo, priorizei as falas que mais me atraíram, como membro do grupo. Acredito que as falas que selecionei ecoavam os princípios da PE de forma bastante sólida. Ao terminar a transcrição da fala de quatro participantes, comecei a me questionar se aquelas falas poderiam ser consideradas narrativas canônicas. Após uma análise mais cuidada elaborada com base em orientações da professora Liliana Bastos, eu assisti ao vídeo novamente e caracterizei as falas transcritas como relatos. Um novo questionamento: trabalhar ou não com narrativas? Então, novos questionamentos se iniciaram: Teria eu embasamento para fazer um estudo de gêneros sobre o vídeo que o grupo havia gravado para se apresentar? Este material me permitiria analisar as identidades dos membros do grupo? A ausência de narrativas significava um modo de apresentação diferente de nosso trabalho? Como trabalhar com esse material, se os participantes não contavam nossas experiências na forma de narrativas canônicas? Comecei então a perceber que o vídeo poderia ser um material discursivo bastante interessante para uma pesquisa futura, mas não para este trabalho. Já no segundo período do Mestrado, logo após a viagem, dividindo a idéia proposta por Isabel com minha orientadora, ainda me foi sugerida a leitura de uma parte do livro do Professor Dick Allwright e sua co-autora Judith Hanks (2009). Neste capítulo, “*The ‘web of life’ of the Rio de Janeiro Exploratory Group*”, o Grupo de Prática do Rio de Janeiro faz uma tentativa de explicar como é a vida no grupo. Confesso que, após a leitura do texto, senti-me bastante receosa em relação à responsabilidade que teria para projetar e interpretar, em uma dissertação de Mestrado, as identidades dos membros do grupo. As vozes dos autores do texto, a

¹ Os nomes de todos os membros do grupo foram mantidos na íntegra, com a devida permissão.

organização, me impressionaram e após (re) pensar, aceitei a pesquisa como um grande desafio.

Como primeira tarefa para conhecer um pouco mais como é trabalhar com a PE usando o gênero acadêmico, li algumas teses e dissertações de colegas que haviam utilizado a PE como construto teórico-metodológico. A partir destas leituras e outras sobre ‘Questões e Métodos em Pesquisa Qualitativa’, surgiu uma nova possibilidade – a idéia de trabalhar, ou seja, de gerar dados a partir de entrevistas semi-estruturadas. Não abandonei as buscas iniciais (texto e vídeo), porém decidi usá-los como pano de fundo, como recursos auxiliares de análise. Na verdade, acredito que o vídeo e o texto foram importantes fontes de informação para que eu entendesse mais profundamente o grupo.

1.4.

Organizando a participação inclusiva

A escolha das pessoas que seriam convidadas a participar de meu projeto de pesquisa foi uma tarefa bastante difícil. Inicialmente, para decidir quem seria entrevistado, também fez-se necessário, pensar em pessoas que estivessem disponíveis para entender os dados comigo e que tivessem participado do vídeo.

Partindo de conexões entre a Prática Exploratória, como pesquisa do praticante (Allwright, 2006), e princípios investigativos que orientam pesquisa nas ciências humanas (Sette, 2006) e na Lingüística Aplicada (Moraes Bezerra, 2007), insiro o presente estudo no paradigma da pesquisa participatória (Reason, 1994), de cunho sócio-contrucionista (Lincoln e Guba, 2004). Neste tipo de pesquisa, o crédito é dado ao saber local e co-construído pelos praticantes. O pesquisador busca entender o que está ocorrendo à medida que as interações com o grupo vão ocorrendo. A autonomia também está envolvida neste paradigma de pesquisa, visto que cada participante constrói sua parcela de entendimentos, que podem ser socializados com todo o grupo.

É preciso ressaltar que considerei ainda professores de diversos contextos profissionais, já que, como disse anteriormente, o grupo é composto por professores de diversos segmentos. Outro fator levado em consideração foi a antiguidade de cada membro no grupo, já que a intenção era envolver membros

mais antigos e outros mais novatos. Juntamente com minha orientadora, chegamos à decisão de escolher as seguintes colegas: Isabel Cristina, Solange Fish, Julia França, Walewska Braga, Maria Isabel Cunha, Inês Miller e Adriana Nóbrega, cujos nomes me foram autorizados citar.

Descobri que, embora esse não tivesse sido o critério, acabei selecionando membros que considero amigos, e combinamos marcar um dia com cada uma das participantes para gravar a entrevista, que seria feita considerando a participação de cada membro no vídeo.

Após amadurecer a idéia e pensar na proporção que esta dissertação tomaria se eu utilizasse o vídeo além das entrevistas, resolvi que a geração dos dados seria feita apenas através de entrevistas-conversas, mas não focadas nas falas do vídeo. A decisão foi, então, a de trabalhar com narrativas de experiência de vida profissional que descrevessem algum trabalho exploratório.

Após tomar esta decisão, decidi confirmar com as pessoas suas participações na pesquisa e agendamos as entrevistas-conversas. Por motivos de indisponibilidade de horário e questões pessoais, algumas colegas não poderiam mais participar do trabalho. Somente Walewska Braga e Adriana Nóbrega se mantiveram. Duas outras colegas, então, se uniram ao projeto de pesquisa voluntariamente, logo após um convite feito em uma das reuniões do grupo: Marja e Ilma. Depois foi feito um convite a duas professoras de escolas públicas, como eu: Iacy e Ana Paula. Agora contávamos com membros suficientes para a formação das mini-comunidades exploratórias.

Gostaria de ressaltar que apresentei as decisões tomadas para o início desta pesquisa em um trabalho final de uma das disciplinas cursadas no mestrado. Esta primeira mini-comunidade foi composta por Maria Isabel, Inês Miller e eu. Contando com a participação delas, nossa 'mini-comunidade exploratória' buscou entender uma narrativa colhida em uma entrevista feita com Maria Isabel, na qual a professora narrou uma experiência exploratória. As professoras dessa mini-comunidade receberam a transcrição dessa parte da entrevista, por correio eletrônico e nos reunimos algumas vezes para observar as identidades projetadas no discurso de Maria Isabel. É válido deixar claro que este trabalho inicial serviu tanto para o amadurecimento de minhas idéias sobre a metodologia a ser adotada na pesquisa quanto para a necessidade de tomar cuidados éticos que se fariam

necessários na elaboração e apresentação da pesquisa. Os entendimentos desse trabalho inicial foram apresentados pelas autoras no IX Salínguas (UFRJ, 2007).

A partir deste trabalho, a proposta de fazer as entrevistas em grupo (Mishler, 1986) se concretizou. Ao invés de realizar as entrevistas individualmente e nos reunirmos para entendê-las em pequenos grupos, decidi fazer tudo de forma inclusiva. Os membros das mini-comunidades participariam tanto das ‘entrevistas-conversas com potencial exploratório’, quanto das reuniões para entender.

Consideramo-nos membros do grupo envolvidos como praticantes-pesquisadores de nossas próprias narrativas de experiência dentro da Prática Exploratória, que emergiram em “entrevistas-conversas com potencial exploratório” (EnCoPE), realizadas em “mini-comunidades exploratórias” (MiCoEx). Conduzo as entrevistas-conversas semi-estruturadas com potencial exploratório a partir da perspectiva de Mishler (1996), que prima pela contextualização. Acredito que pesquisas interpretativistas nos permitem entender questões locais e também compreender um pouco do mundo social em que o grupo em foco está inserido. Tomo, neste estudo, a entrevista como um evento social contemporâneo, uma prática discursiva em que ofereço às colegas-pesquisadoras oportunidades de (co/re)construírem suas narrativas, suas experiências. No capítulo quatro, estes termos serão explicados em maiores detalhes.

A partir das entrevistas-conversas, tivemos “reuniões para análise colaborativa” (RAC) em que buscamos negociar nossas identidades. Observo, junto a minhas colegas-pesquisadoras, os processos discursivos que proporcionam a construção da identidade pessoal e profissional através das nossas narrativas de experiência. A opção pelo estudo destas narrativas justifica-se por se tratarem de formas de organização discursivas para agirmos no mundo social, que desempenham um papel fundamental para as pessoas darem sentido tanto às suas experiências quanto ao mundo a sua volta (Moita Lopes, 2002), ao mesmo tempo em que (co) constroem identidades através das narrativas que contam (Linde 1993; Bastos, 2005).

Desejo que esta pesquisa seja concebida como uma forma de criar oportunidades para que nós, membros do grupo da PE que estamos envolvidos no processo de pesquisa, possamos refletir acerca de nossas próprias narrativas de

experiência e, a partir delas possamos projetar nossas identidades (co/re) construídas no discurso. Busco que meu texto, meu trabalho de pesquisa, tenha “múltiplas vozes e diálogos com os sujeitos” (Denzin e Lincoln, 2006:24) envolvidos na pesquisa.

Esta dissertação visa a entender as seguintes questões: que identidades constroem alguns dos professores que buscam formação continuada constante e que fazem parte do grupo da PE do Rio de Janeiro? Que identidades constroem essas pessoas que estão dispostas a revisitar sua prática a partir da narração e reflexão sobre suas experiências exploratórias?

1.5.

A pesquisa e o grupo da PE

Vale ressaltar que os membros do grupo da Prática Exploratória, que não participaram diretamente do processo de pesquisa, tiveram a oportunidade de acompanhá-la basicamente em três momentos ‘inclusivos’. Em uma de nossas reuniões, em março de 2008, partilhei meus primeiros passos, minha intenção de pesquisa com todos os membros e solicitei voluntários interessados em trabalhar junto comigo como colegas-pesquisadoras.

Em outra oportunidade, em outubro de 2008, depois de ter concluído parte do trabalho com Marja e Walewska, as transcrições da nossa primeira interação gravada e transcrita por mim, foi enviada, por correio eletrônico, aos membros do grupo, informando-lhes que, na reunião seguinte do grupo da PE, todos teriam a oportunidade de entender melhor essas narrativas e comentarem as transcrições. Nesta reunião, Walewska e eu, participamos ativamente. Como Marja não poderia estar presente, a voz dela na reunião se fez presente através dos entendimentos escritos que ela tinha enviado para mim por correio eletrônico.

No terceiro momento de troca da minha experiência com membros do grupo, no início de dezembro de 2008, eu reapresentei meu pôster feito para o II CLAFPL (novembro, 2008). Este pôster já era um desenho mais organizado de como a pesquisa fora projetada e conduzida. Nesta reunião, Solange Fish sugeriu parte do título da dissertação que ora apresento “Quem sou eu, quem somos nós”.

Acredito que, em diversos momentos, essa pesquisa tentou envolver os membros do grupo de PE. Estive sempre atenta para que ela fosse a mais inclusiva possível, desde os primeiros passos até a conclusão.

1.6.

Organização do trabalho investigativo

Para concluir este capítulo, apresento em seguida a organização do meu trabalho: no **capítulo 2**, que trata das questões teóricas, localizo este estudo no contexto das Ciências Humanas e Sociais. A seguir, trato dos estudos das narrativas, partindo da perspectiva Laboviana e ressaltando a importância das narrativas de experiência pessoal para os estudos das identidades pessoais e profissionais, que estão em constante transformação. Apresento ainda considerações a respeito da Prática Exploratória, entendida como pesquisa do praticante, de comunidade de prática e outros construtos que compõem a base teórico-metodológica adotada ao longo deste estudo.

A observação e o olhar do profissional voltado para sua própria prática, não são novidades para as abordagens de pesquisa na área de formação de professores. No **capítulo 3**, apresento uma breve resenha de cinco abordagens de pesquisa, a pesquisa-ação (Nunan, 1992), a prática reflexiva (Zeichner, 1994), a pesquisa participatória (Reason, 1994), a pesquisa colaborativa (Magalhães, 2002) e a Prática Exploratória (Allwright, 2006a). Desta forma, além de mapear o território das abordagens de pesquisas nesta área, busco registrar semelhanças entre elas e a Prática Exploratória.

Discuto no **capítulo 4**, as decisões teórico-metodológicas específicas, que norteiam a co-construção desta investigação de Linguística Aplicada, de caráter indisciplinar: o desejo compartilhado de entendermos mais profundamente nossas identidades, a partir de nossas narrativas de experiência como membros do grupo da PE e a necessidade de co-construirmos nossos entendimentos, a partir da análise colaborativa de nossas narrativas. Trago também as particularidades não só do contexto de pesquisa, mas também cada participante.

No **capítulo 5**, descrevo os diversos momentos que fizeram parte do processo de análise as narrativas em busca de nossas identidades. O primeiro

momento foi de partilha e registro das experiências. Segundo, em que trabalhei sozinha, faço a transcrição do nosso primeiro momento, priorizando as narrativas e faço algumas anotações, que considero uma análise embrionária das identidades projetadas por nós praticantes neste estudo, e por mim observadas. Por fim, no terceiro momento, apresento a análise negociada, feita em cada mini-comunidade. Concentro minha análise nas identidades projetadas por nós praticantes neste estudo: as narrativas de experiência pessoal profissional funcionam como práticas discursivas para olhar a construção de nossas identidades.

Volto às discussões iniciais no **capítulo 6**, em que apresento os entendimentos que me foram possíveis expressar sobre este processo; as contribuições deste trabalho investigativo; as limitações encontradas ao longo da pesquisa e algumas colocações para estudos futuros. Por fim, no **anexo I**, acrescento as transcrições realizadas; no **anexo II**, encontram-se minhas anotações feitas enquanto realizava as transcrições e, no **anexo III**, incluo os entendimentos pessoais de cada participante desta pesquisa. Vale salientar que os anexos fazem parte desta longa jornada que agora se reinicia, porque, como praticante exploratória, novos questionamentos me foram suscitados. Por isso, percebo que minha procura por formação continuada me levou a me envolver em um processo de pesquisa contínua, sustentável para aqueles que pesquisam norteados pelos princípios da PE.